



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KARICIANE SANTOS TELES

**AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA À PACIENTES COM ALZHEIMER
EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Juazeiro do Norte
2021

KARICIANE SANTOS TELES

**AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA À PACIENTES COM ALZHEIMER
EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque

Juazeiro do Norte
2021

KARICIANE SANTOS TELES

**AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA À PACIENTES COM ALZHEIMER
EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque

Aprovado em: 24/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque
Orientador

Prof. Esp. Indira Feitosa Siebra de Holanda
Avaliadora

Prof. Me. Joel Lima Junior
Avaliador

AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA À PACIENTES EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Kariciane Santos Teles¹
Joaquim Iarley Brito Roque²

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender como ocorre a aplicação da musicoterapia em pacientes em cuidados paliativos. Para tal, analisa quais os possíveis efeitos que a intervenção musical produz nos pacientes que se encontram em cuidados paliativos, descrevendo, por exemplo, os sentimentos e emoções que mais se manifestam nesses pacientes. Como método de pesquisa utilizou-se a revisão de literatura. Foram realizadas seleções aprofundadas em algumas bases de dados, tais como: periódicos, artigos científicos, monografias e bancos de dissertações e teses. Durante a execução do estudo foi percebido que a musicoterapia aplicada a paciente com Alzheimer e que se encontram em cuidados paliativos traz contribuições relevantes aos sujeitos, visto que estes apresentam melhora significativa no campo emocional e afetivo devido à alterações positivas de humor, diminuição da irritabilidade, melhora na qualidade do sono, bem-estar, e aumento da autoestima. Notou-se, porém, que as discussões sobre musicoterapia e cuidados paliativos precisa ser incentivada, pois foram escassos os trabalhos encontrados que se propunham a elaborar estudos sobre o tema. Evidenciou-se a existência da profissão de músico terapeuta, algo novo no Brasil, e existem apenas pequenos grupos desses profissionais se comparado a outros grupos da área de saúde. Durante a construção desse estudo foi compreendido que a musicoterapia se apresenta como um método interventivo que traz grandes benefícios aos pacientes que se encontram em cuidados paliativos.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos. Musicoterapia. Psicologia

ABSTRACT

This research sought to understand how the application of music therapy occurs in patients in palliative care. To this end, it analyzes the possible effects that musical intervention produces on patients who are in palliative care, describing, for example, the feelings and emotions that are most manifested in these patients. As a research method, we used the literature review and the presentation of a case study. In-depth selections were made in some databases, such as: journals, scientific articles, monographs and databases of dissertations and theses. During the execution of the study it was noticed that the music therapy applied to palliative care brings relevant contributions to the subjects, since they present significant improvement in the emotional and affective field due to positive changes in mood, decreased irritability, improved sleep quality, well-being being, and increased self-esteem. It was noted, however, that discussions about music therapy and palliative care need to be encouraged, as there were few studies found that proposed to elaborate studies on the theme. The existence of the profession of music therapist was evidenced, something new in Brazil,

¹ Discente do curso de Psicologia. E-mail: kariciateles@hotmail.com

² Professor orientador. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E mail: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br

and there are only small groups of these professionals when compared to other groups in the health area. During the construction of this study, it was understood that music therapy presents itself as an interventional method that brings great benefits to patients who are in palliative care.

Keywords: Palliative Care. Music therapy. Psychology

1. INTRODUÇÃO

O diagnóstico de uma doença sem possibilidade de cura pode trazer um impacto muito grande para a vida de um ser humano, principalmente quando esta enfermidade já se encontra avançada e há proximidade da morte. Portanto, várias questões acabam afetando o sujeito em fase terminal, assim como seus familiares, pois, haverá uma mudança na rotina, bem como a dependência desse sujeito aos seus familiares, algo que pode gerar sentimentos como culpa, ansiedade e impotência. Tais experiências emocionais às vezes se realizam pelo fato do sujeito e sua família não terem o suporte especializado e adequado para enfrentar a situação vivida. Em tais situações o que prevalece é o medo e a incerteza.

Lidar com questões de finitude não é fácil, mesmo para aqueles sujeitos que estão em cuidados paliativos a ideia de morte sempre vai chegar acompanhada de medo, e trazendo consigo um sofrimento muito grande não apenas para o paciente, mas também para sua família. Tal quadro tende a se complicar devido ao fato de os pacientes em cuidados paliativos tenderem a ficar em quartos isolados, reforçando ainda mais o sentimento de solidão e abandono. O quadro clínico do sujeito pode ainda vir a piorar quando a equipe médica passa a trabalhar com esse paciente apenas de forma técnica, sem considerar seus aspectos subjetivos (SEIKI, 2012).

No contexto clínico um dos métodos terapêuticos que possibilitam oferecer um suporte humanizado é a musicoterapia, o uso da música nesse contexto de adoecimento permite que o sujeito enfrente seu processo de adoecimento, proporcionando bem-estar, físico, mental e espiritual o fato de ouvir uma música escolhida pelo paciente permite uma integração entre estas três entidades. A musicoterapia nos cuidados paliativos, veio para somar na medida em que mostra sua relevância no processo de adoecimento possibilitando uma morte mais humanizada, acolhendo esse sujeito no exato momento de suas angústias, medo e aflição. Petersen (2012) afirma que a música oferece ao paciente a possibilidade de expressar seus sentimentos, e que a música apresenta um potencial de saúde vida, pois, a

música é capaz de restabelecer a identidade que havia antes da doença surgir, o fato de cantar, ouvir, e tocar, ultrapassa a barreira do adoecer e da limitação física (PETERSEN,2012).

Por esse motivo, esse estudo tem como objetivo analisar os efeitos da musicoterapia em pacientes que se encontra em cuidados paliativos realizando reflexões acerca da relevância que tem a musicoterapia no tratamento de pacientes em cuidados paliativos, revelando quais os benefícios que esse método oferece a esses pacientes.

Acredita-se que essa pesquisa tem sua relevância na medida em que leva aos leitores suas contribuições acadêmicas, possibilitando ampliar horizontes em relação a essa temática pouco discutida na academia. E suas contribuições sociais na medida em que promove a esses seres humanos, sensação de bem-estar, que muitas vezes foi sanada devido ao surgimento da doença, foi realizado levantamento bibliográfico sobre a temática apresentada destacando os estudos que estão mais pertinentes com o assunto.

2. METODOLOGIA

Esse estudo possui como método de pesquisa a realização de um levantamento bibliográfico, foram realizadas pesquisas aprofundadas em periódicos, tais como, artigos científicos, monografias e dissertações, bem como consulta em sites confiáveis e publicações que tragam dados e informações relevantes sobre a temática abordada, para desenvolvimento da pesquisa foi consultado os bancos de dados eletrônicos: Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e dados do Ministério da Saúde, utilizando os descritores: “cuidados paliativos” e “musicoterapia” (CERVO; BERVIAN, 2005).

A pesquisa se caracteriza como sendo, descritiva e exploratória. Descritiva por buscar através de técnicas padronizadas, descrever as características de um determinado grupo, nomeadamente, os pacientes que se encontram em tratamentos paliativos e exploratória por proporcionar ao autor do trabalho uma maior familiaridade com o problema estudado, realizar levantamentos bibliográficos pertinentes a temática a ser trabalhada, e contribuir com o aprimoramento de suas ideias e intuições acerca do tema. (GIL, 2008).

No que diz respeito à abordagem, será qualitativa, que de acordo com Oliveira (2008) é um processo pelo qual o pesquisador utiliza métodos e técnicas para obter uma maior percepção e entendimento detalhado da realidade, e do objeto de estudo, nesse tipo de pesquisa é utilizado também a análise de conteúdo que busca a compreensão dos dados

coletados.

Apresenta-se ao longo desse construto um estudo de caso Realizado por Anastácio Junior em 2017, publicado no ano 2019, utilizando como método de pesquisa entrevistas semi- estruturadas, caracterizada por três períodos pré análise, exploração do material, e tratamento dos resultados. Para a realização desse estudo o autor de forma inicial realizou divulgação da pesquisa nas redessociais, explicando o objetivo e o envolvimento no estudo em questão, após divulgação os interessados entraram em contato via e-mail e através de ligações, e foi compartilhado seus dados para a pesquisa.

Foram utilizados nessa pesquisa alguns pré-requisitos que o autor considerava relevante para participação na pesquisa, entre eles um dos sujeitos ter sido diagnosticado com a doença de Alzheimer, nenhum dos conjugues já ter participado de um processo musicoterapêutico, atendimento ofertado na residência do casal, com o objetivo de não causar mudanças na rotina do casal, o cuidador ter assumido a função a mais de seis meses.

3. CUIDADOS PALIATIVOS

Os Cuidados Paliativos teve seu início no período da antiguidade cuja definição foi voltados para o cuidar, durante a idade média época das cruzadas, era de costume as hospedárias acolher não apenas os enfermos mas, mulheres em trabalho de parto, leprosos, e pobres. Dessa maneira esse tipo de cordialidade tinha por objetivo acolher e proteger esses sujeitos para além da cura (Gomes, 2016)

Segundo Gomes (2016) os cuidados paliativos teve sua extensão no início na década de 1960 com a médica Cicely Saunders, esta foi a percussora desse movimento e nessa época os cuidados paliativos tinham como base o ensino, pesquisa e a assistência. Somente na década de 1970 esse movimento foi conduzido para a América através da Psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross que desenvolveu um Hospice nos EUA e após esse projeto ocorreu uma defesa disseminada acerca dos cuidados paliativos, cuidados estes que foram destinados aos pacientes que se encontrava fora de cura.

Dessa forma, em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) determinou pela primeira vez o conceito de cuidados paliativos e os seus princípios pertinentes. De início foi estabelecido que os cuidados fossem voltados a pessoas diagnosticadas com câncer para que fornecessem um tratamento integral a esses sujeitos. No ano 2002 o conceito foi ampliado

chegando a atingir pessoas com AIDS, doenças renais, degenerativas e neurológicas (GOMES, 2016).

Atualmente a OMS define cuidados paliativos como:

Cuidados Paliativos são uma abordagem para melhoria da qualidade de vida de pacientes e familiares que enfrentem uma doença ameaçadora da vida, através da prevenção e do alívio do sofrimento, através da identificação precoce e impecável avaliação e tratamento da dor e outros problemas, físicos, psicossociais e espirituais (OMS, 2002).

Sendo assim a OMS ainda ressalta que o tratamento paliativo prévio dessas doenças pode aumentar os dias de vida desses sujeitos que foram diagnosticados com uma doença terminal ou crônica, pois, assim, a equipe de profissionais buscará os melhores métodos para controle das dores e sintomas promovendo assim uma melhor qualidade de vida a esses pacientes.

Ferreira et al. (2011) complementa que os cuidados paliativos são considerados uma prática multiprofissional que possibilita aos pacientes fora da possibilidade de cura terapêutica uma melhor qualidade de vida, esse bem-estar também é voltado para seu núcleo familiar, pois, percebe que o processo de adoecimento afeta todos que estão em volta do paciente.

Complementando com esse pensamento Porto e Lustosa (2010) afirmam que mesmo em um contexto de sofrimento, é possível a implementação de uma política de assistência a pacientes em cuidados paliativos, que se preocupe com a dignidade do sujeito em processo de hospitalização. Acredita-se que o surgimento desse cuidado com o outro traz esperança e humanização durante o tratamento de pessoas que sofrem de doenças crônicas ou degenerativas (PORTO; LUSTOSA, 2010).

3.1 CUIDADOS PALIATIVOS NO BRASIL

No Brasil o uso da prática dos cuidados paliativos iniciou em 1990 ofertando serviços de forma experimental, mas, organizada, os primeiros cursos e atendimentos em filosofia paliativista foi criado pelo professor Marcos Túlio de Assis Figueiredo, que ministrava esses cursos na Escola Paulista de Medicina. Em 1998 o INCA (instituto nacional do câncer) inaugurou o primeiro hospital voltado exclusivamente para pacientes em cuidados paliativos. 2002 o Hospital do servidor Público de São Paulo inaugurou sua primeira

enfermaria dos cuidados paliativos, esse programa permanece desde o ano da inauguração. Em 1997 teve a primeira tentativa da congregação dos paliativistas promovida pela Psicóloga Ana Geórgia de Melo o evento ocorreu em parceria com a Fundação de Associação Brasileira de cuidados paliativos (ABCP).

Segundo Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) apresenta que a prática dos cuidados paliativos necessita ser regularizada legalmente, ressalta que no Brasil há um grande preconceito a cerca desse tipo de cuidado, que muitas vezes se confunde com eutanásia, e que há por partes dos profissionais uma ideia preconceituosa do uso de medicamentos para alívio da dor, como, por exemplo, morfina.

ANCP expõem sua crítica na formação médica, ressaltando que existe falhas na formação desses profissionais, haja vista existem poucas residências e curso de pós-graduação de qualidade. Destacando que a graduação não ensina de forma eficaz como deve ser a conduta em relação a pacientes que se encontra nos cuidados paliativos e que esses profissionais não sabem como lidar com pacientes com prognóstico desfavorável de forma cuidadora e afetiva.

Porém, a instituição acredita que nos próximos anos aumentará a demanda dessas práticas e a busca por profissionais qualificados, pressupõem que a exposição desse tipo de cuidado ao público por meio de novelas e filmes contribuirá para exposição dessa área o que pode facilitar na regularização legal da profissão, dessa forma há possibilidades de os planos de saúde incluírem a prática dos cuidados paliativos, pois, foi comprovado que os cuidados paliativos diminuirão os custos de serviço em saúde e promover qualidade de vida ao paciente e seus familiares.

Dessa forma percebe que a ANCP que surgiu em 2005 tem sua importância enquanto instituição, pois, foi através dela que nesse mesmo ano da inauguração a prática dos cuidados paliativos teve um avanço considerável, foi através dela que houve um avanço em relação à regularização de profissionais, estabeleceu critérios de qualidade para os serviços de palição, apresentou junto ao Ministério da Saúde e ao Ministério da Educação, definições claras do que pode ser considerado ou não cuidados paliativos, e contribuiu para a criação de duas resoluções que regulam atividade médica na prática. Em 2009 o Conselho de medicina incluiu no seu código de ética os cuidados paliativos como princípio fundamental na prática dos profissionais médicos.

3.2 PROTOCOLO DOS CUIDADOS PALIATIVOS

O ISGH (Instituto de Saúde e Gestão Hospitalar) apresenta os princípios dos cuidados paliativos entre eles estão, prevenção da dor e alívio dos sintomas, enfrentar a morte como um processo natural, não busca antecipar nem adiar o processo de morte, disponibiliza de suporte para os familiares, abordagem multiprofissional com o objetivo de focar nas necessidades do doente e seus familiares, busca-se oferecer uma melhor qualidade de vida ao paciente durante seu tratamento, preza pelo tratamento precoce com o intuito de procurar medidas que possa prolongar a vida do paciente incluindo compreensão ampla da doença e a melhor forma de tratamento (MAURIZ, 2014).

Destaca também que existem algumas terminalidades que são utilizadas durante assistência dos profissionais aos pacientes. São elas, pacientes terminais quando se refere ao sujeito que tem seu prognóstico relacionado entre o término do tratamento e o processo de morte. Porém, o ISGH ressalta que é solicitado que evite esses tipos de termo, pois, é um tema bastante negativo que pode gerar conflitos. O paciente que se encontra em fase final de vida são, sujeitos que não se encontra com prognóstico favorável e seu tempo de vida estima-se em horas ou dias (MAURIZ, 2014).

Paciente em processo de Distanásia é aquele em que se prolonga a vida, de forma artificial que muitas vezes acarreta sofrimento de forma desnecessária ao doente. Eutanásia são pacientes que se encontram em quadros clínicos graves que não há possibilidade de melhora, e então é causada a morte do sujeito como forma de piedade a situação do paciente, a Eutanásia é considerada em alguns países é aceita mas, em outros é considerada uma forma de homicídio, pois, há uma antecipação da morte, já Ortotanásia é o processo de morte natural.

Para que o sujeito seja considerado paciente em cuidados paliativos o ISGH também disponibiliza alguns requisitos, ser paciente de uma doença incurável e progressista, poucas ou quase nenhuma resposta terapêutica, quadro clínico oscilante, internação prolongada sem apresentar melhoras. Fazem parte desses requisitos, pessoas com AIDS, insuficiência renal, insuficiência hepática, câncer e etc. (MAURIZ, 2014).

Dessa forma, percebe-se a importância do trabalho em equipe dos profissionais multidisciplinares que trabalham com pacientes em cuidados paliativos. Segundo Silva (2013) realizou um estudo com diferentes profissionais da área da saúde que trabalham na UTI (unidade de terapia intensiva) e percebeu que há um despreparo por partes desses

profissionais no que se refere a cuidar de um paciente em CP, apresento a seguir o trecho da entrevista em que se menciona essas dúvidas.

Existe sempre a discussão: é cuidado paliativos ou não? Tem um que pensa que sim, outro que chega e muda as medidas. A dificuldade é o próprio conhecimento da equipe nessa área. A dificuldade é a definição, chegar à conclusão de que o paciente é para cuidados paliativos (SILVA, et al. 2013).

Por esse motivo, observa-se que há uma dificuldade por partes dos profissionais em distinguir o paciente em CP, conforme o mesmo autor afirma, que durante a entrevista os profissionais direcionaram o seu ponto de vista sobre o conforto do paciente em cuidados paliativos somente as questões do corpo, demonstrando a falta de compreensão dos aspectos integrais do sujeito.

Após apresentação desses conteúdos se faz necessário a implementação de um protocolo de cuidado no âmbito hospitalar e que este possa se estender a outros ambientes como home care, seguindo um modelo metodológico para todos os casos. É fundamental uma maior capacitação desses profissionais sobre os CP para que eles trabalhem em consonância. Na pesquisa de Silva (2013) foi mencionado que os profissionais não sentem motivação para cuidar de pacientes em cuidados paliativos pois, sua formação foi para tratar, reabilitar e curar.

Mais um motivo para que esses profissionais tenham capacitação para cuidar desses enfermos, haja vista, ser para alguns os últimos momentos de vida, e por isso, se faz pensar a necessidade que se tem desses profissionais desmistificar essas ideias e olhar os sujeitos em CP como sujeitos de uma vida, e história, e não como uma pessoa que esta prisioneira de uma doença, perceber o enfermo por essa perspectiva talvez seja um dos elementos mais relevantes na prática de saúde, mesmo em que o sujeito esteja em fase terminal, doença crônica, ou mesmo com suas atividades limitadas, os profissionais precisam olhar esses sujeitos por uma outra perspectiva que haverá sempre a possibilidade de um resgate, adaptação, dignidade e qualidade de vida (PORTO; LUSTOSA 2010).

3.3 MUSICOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Existem várias teorias que trazem explicações de como surgiu a música, porém, os historiadores mencionam que a música surgiu com o propósito de comunicação entre os povos, divindades e a própria natureza. Fazia o uso da música como forma de enfrentamento

dos seus medos, como exemplo, diante de uma tempestade com trovoes fazia uso de sua voz e corpo com o objetivo de minimizar o som emitido pelo trovão. Dessa forma, com o passar do tempo os primitivos perceberam que somente o som não era mais suficiente para expressar sua comunicação e expressão, surgindo então os primeiros instrumentos musicais (BARCELOS,2015).

Nesse sentido percebe que a música sempre esteve presente na vida das pessoas, ela faz parte do ciclo de vida e proporciona lembranças de momentos importantes, comemorativos e até tristes. É considerada uma forma de comunicação que perpassa a linguagem, recentemente a música tem atuado como instrumento terapêutico de cura que atingi diferentes níveis biopsicossociais (GALLAGHER, 2011).

A Musicoterapia é considerada como uma disciplina multi e interdisciplinar uma vez que apresenta no seu corpo teórico, influências e fundamentações teóricas, sendo assim a Musicoterapia não é utilizada somente pelos músicos mas, por várias outras disciplinas e profissões como, Filosofia, Psicologia, Medicina, etc. ressalta-se que para o exercício legal da Musicoterapia é necessário cursar uma Graduação e se apropriar cada vez mais dos conhecimentos da área (UBAM, UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA,2020)

Em sua pesquisa, Silva (2014) afirma que é relevante a experiência da música com pacientes em cuidados paliativos, pois, além de promover qualidade de vida a esses sujeitos, a música também diminui o sofrimento dos pacientes e também dos familiares que acompanham de perto esse processo de tratamento. O autor ainda faz uma ressalva mencionando a importância de trabalhar com esse instrumento terapêutico de forma efetiva e assertiva, utilizando da sensibilidade e competência da pessoa que aplicará esse método, desse modo, a música passa a atuar de forma terapêutica no tratamento.

Segundo Barcelos (2015) a musicoterapia pode ser apresentada de diferentes formas por meio da Audição, voz, criação de novas canções, improvisação de músicas, e pode utilizar o corpo como uma forma de comunicação não verbal. Essas formas de expressão não fortalecem apenas os vínculos terapêuticos, mas, auxilia na promoção e prevenção de saúde dos sujeitos envolvidos como uma forma de recuperação da saúde seja ela biopsicossocial ou espiritual.

A musicoterapia surge de três maneiras, a primeira nomeada de musicoterapia receptiva onde o musicoterapeuta leva pronta a música para seus pacientes por meio de CD, a musicoterapia Ativa onde o paciente se torna protagonista e cria sua própria canção e por

último a musicoterapia interativa é o momento de troca entre o musicoterapeuta e o paciente ambos ativos no desenvolver da música (BARCELOS, 2015).

Acredita-se que a intervenção musical junto aos pacientes em cuidados paliativos, agrega valor na medida em que proporciona a estes, mais bem-estar e alívio de suas dores. Estudos recentes mostram que o uso da música no fim da vida principalmente aos que se encontram em tratamento hospitalar, traz inúmeros benefícios, dentre estes, sentimentos de relaxamento, mudanças de humor, diminuição dos quadros depressivos e alívio da dor, pois, quando se ouve música a atenção que antes estava destinada à dor se direciona a concentração da música (LIMA, 2019).

Para Juslin (2013), na música existem categorias denominadas por emoções básicas, que podem expressar sentimentos paradoxais como felicidade e tristeza, medo e segurança, alegria e raiva. Como citado pelo autor as emoções básicas são consideradas:

Programas de afeto inato e universal que evoluíram para servir importantes funções de sobrevivência – expressões faciais e vocais de emoções básicas (e, portanto, expressões musicais de emoções básicas também) – que são percebidas de forma natural por todas as culturas e mesmo por diferentes espécies mais facilmente do que as expressões de emoções não básicas (JUSLIN, p.20 2013).

Nesse sentido LeeHarris e Blackburn (2018), complementam que a música é considerada um regulador emocional e de humor, havendo um grande interesse de estudo das diferentes respostas que a música proporciona a todas as faixas etárias. Os autores ainda ressaltam que as pessoas de idade mais avançada são menos sensíveis na expressão de suas emoções quando comparado ao público jovem.

Monteiro (2020) afirma que há na musicoterapia alguns domínios que possibilitam o processo de intervenção musical, como, por exemplo, a medicina paliativa e o processo de reabilitação, estes com objetivos voltados para motricidade e controle da dor. Sendo assim este tipo de intervenção visa atender necessidades físicas e psicossociais dos pacientes e de seus familiares, como método interventivo pode ser utilizado a música propriamente dita, a escuta musical, histórias improvisadas ou contadas através de canções.

Considerando o exposto acima percebe-se que não somente o uso de fármacos pode amenizar a dor dos pacientes em cuidados paliativos, mas, que iniciativas não-farmacológicas, como é o caso do uso da música, contribui de forma significativa no processo de bem-estar desses sujeitos, por meio da redução de sintomas estressantes. Salienta-se que é relevante antes da aplicação desse método terapêutico dialogar com o

paciente acerca de sua receptividade em relação a essa forma de intervenção, pois, não pode generalizar que o benefício da música pode atravessar todos os pacientes e este método ser incluído no seu arsenal terapêutico de forma positiva.

3.4 A MUSICOTERAPIA APLICADA A PACIENTES COM ALZHEIMER EM CUIDADOS PALIATIVOS

O Alzheimer é um tipo de doença degenerativa associada a idade, geralmente acomete pessoas com mais de 50 anos, a causa se dá pela perda de células cerebrais, o que ocasiona perda de algumas funções entre elas memória, aprendizagem e fala. A incapacidade que a doença provoca afeta de forma significativa a vida do sujeito, pois, compromete suas relações afetivas, causa dependência e em situações graves a perda total da independência como, por exemplo, necessita que alguém realize tarefas básicas como higienização pessoal e alimentação (PACHECO,2021).

Dessa forma o tratamento se faz por meio fármacos como também de métodos terapêuticos, a musicoterapia é uma dessas formas de tratamento que tem sido bastante recomendada pelos neurologistas. O objetivo da musicoterapia é abordar músicas afetivas de preferência aquelas que o paciente tenha mais afinidade dessa forma a música vai estimular algumas áreas cerebrais como a memória, organizar os pensamentos, orientação espacial e atemporal, contribui ainda para a diminuição do isolamento, e alguns comportamentos que são comuns no início da doença como agitação e irritabilidade (PACHECO, 2021).

O músico terapeuta vai de modo inicial preencher uma ficha com informações sobre o paciente envolvendo seus gostos musicais, essa informação pode ser colhida por meio dos familiares, o próprio paciente ou alguém que possa fornecer esses dados. Após os dados serem processados, o profissional vai formular uma espécie de histórico musical onde terá por base as melodias e canções que servira de base para o trabalho músico terapêutico, seu papel inicial vai ser de estabelecer vínculos com o paciente, para que ele possa ser visto como um amigo que pode trazer momentos de alegria e prazer (PACHECO, 2021).

Martins (2021) apresenta em seu estudo que a música traz benefícios psicológicos ao paciente com Alzheimer as melhorias podem ser observadas como alteração de humor, qualidade de vida, preservação de suas habilidades sócias e expressivas, melhora em quadros depressivos. A música é considerada um meio significativo em que o sujeito consegue

expressar seus sentimentos além de ser conhecida como capaz de proporcionar autoconhecimento e constituir relações humanas. A música pode influenciar diversos públicos em que vão vivenciar de acordo com sua subjetividade.

Nesse sentido a música é percebida como um método de intervenção eficaz, pois, aspectos como sensibilidade, percepção, emoção e memória musical podem conservar por mais tempo no cérebro, em relação a outros tipos de memória. Entende-se por memória musical a capacidade do sujeito em evocar uns conjuntos de conteúdos psicológicos que podem ser expressos através de palavras ou não através da memória explícita e implícita sendo a primeira uma lembrança de algo de forma consciente já a implícita é a capacidade que o sujeito tem de desenvolver habilidades motoras e cognitivas quando é exposto repetitivas vezes a um estímulo, nesse caso é a exposição da música aos pacientes com Alzheimer (MARTINS, 2021).

O objetivo da música nesses casos é atingir e preservar as faculdades mentais do paciente contribuindo para que o self ainda existente se mantenha, pois, por meio da música o sujeito sente que sua identidade enquanto pessoa está preservada promovendo liberdade de expressão, expansão de sua experiência de vida, e o mais importante que a música seja um canal que transporte afeto. Por meio desse entendimento o autor em questão afirma que embora algumas pesquisas relatem que pessoas com Alzheimer tenha sua memória afetada de forma considerável é possível que a memória para músicas familiares seja preservada mesmo nos estágios avançados da doença.

Contudo, para Baird e Samson (2015) faz alguns questionamentos em seu estudo sobre a preservação da memória musical, pois, para ele há diversas formas de memória musicais existentes, e que estas podem ser afetadas de formas distintas, como, por exemplo a memória implícita, pode ser menos afetada do que a explícita, portanto, não há possibilidade da memória se manter intacta sem nenhum prejuízo, ressalta que o senso de familiaridade com os repertórios musicais apresentam intactos, pois, as canções célebres se encontram na base de reconhecimento do sujeito e a familiaridade com as músicas podem aumentar conforme apresentação contínua das canções.

Sarkamo (2014) realizou um estudo com pessoas em quadros de demência com o objetivo de investigar a regularidade das atividades musicais, e obteve como resultado que o fato de cantar uma música para pacientes com Alzheimer foi relevante no processo de evocação de memórias retrógradas, de sentido pessoal, a evocação se deu por meio de nome dos amigos, e lembrança de pessoas do tempo da infância, percebeu uma melhora na

memória de trabalho e verbal.

Barbosa (2021) apresenta em seu estudo que:

A música também pode trabalhar na mesma região cerebral da fala e os sons ativa os dois hemisférios cerebrais sendo considerada uma atividade neuropsicológica, porque ativa funções cerebrais multimodais. As funções cognitivas como atenção, planejamento recordação estão envolvidas no ato de tocar. Assim, a música potencializa as conexões neurais desenvolvendo e aumentando essas conexões, ocasionando estimulação sensibilidade e criatividade em quem a prática (BARBOSA, p. 25 2021)

Diante do exposto percebe que as contribuições da musicoterapia aplicada a pacientes com Alzheimer é relevante na medida em que proporciona a estes uma melhoria na qualidade de vida, e diminuição dos sintomas, aumento da autoestima, além de ampliar sua percepção, emoção, afeto, habilidades motoras, memória e etc. os fármacos disponíveis para o tratamento do Alzheimer tem efeito retardar os sintomas porém, é por pouco tempo, então é interessante que além dos uso dos fármacos o paciente tenha acesso a um tratamento não farmacológico cujo objetivo é provocar emoções, despertar sentimentos de prazer e oferecer significado aos momentos vivenciados, importante ressaltar que a música (BARBOSA, 2021).

Para uma melhor compreensão de como os efeitos da musicoterapia aplicada a pacientes com Alzheimer, a autora desse estudo apresenta a seguir de forma detalhada um estudo de caso realizado por Anastácio Junior na cidade de São Paulo, no ano 2017, sendo publicado em 2019.

O público alvo foram quatro casais de idosos, onde buscou trabalhar de forma específica, com o conjugue que tinha sido diagnosticado com Alzheimer. O estudo foi dividido em etapas, a primeira o autor definiu o propósito do estudo e os procedimentos, seguido da coleta de dados e análise do mesmo.

O autor do estudo de caso, de forma inicial realizou divulgação da pesquisa nas redes sociais, explicando o objetivo e o envolvimento no estudo em questão, após divulgação os interessados entraram em contato via e-mail e através de ligações, e foi compartilhado seus dados para a pesquisa. Foram utilizados nessa pesquisa alguns pré-requisitos que o autor considerava relevante para participação na pesquisa, entre eles um dos sujeitos ter sido diagnosticado com a doença de Alzheimer, nenhum dos conjugues já ter participado de um processo musicoterapêutico, atendimento ofertado na residência do casal, com o objetivo de

não causar mudanças na rotina do casal, o cuidador ter assumido a função a mais de seis meses.

Após esse processo, foi realizado a escolha dos instrumentos avaliativos cuja avaliadora não tinha nenhum envolvimento no processo de intervenção, os instrumentos foram, Anamnese, realizada com o intuito de conhecer a rotina do casal, identificar os problemas, conhecer a história de vida do paciente, para assim elaborar a assistência ao paciente, segundo momento foi utilizado a ficha de musicoterapia cujo modelo foi modificado para os participantes, essa ficha tem o objetivo de investigar os gostos musicais do casal, e do paciente, a entrevista aberta de forma semiestruturada onde procurou conhecer sobre a percepção do cuidador em relação ao paciente, como ele percebia a relação antes e depois da doença, os participantes responderam de acordo com as opções: bom, ruim, muito ruim. E no final do processo o autor aplicou entrevista para compreender como foi a percepção do casal após a vivência da música.

Segundo Anastácio Junior (2019) ressalta que as músicas foram selecionadas e adaptadas de acordo com os gostos musicais do casal, com o objetivo de obter resultados mais significativos, uma das estratégias foi cantar as canções que o casal se identificava que já fizeram parte de sua vida, gravação do casal cantando juntos, paródias, e compor música de acordo com a realidade do casal, com ajuda do musicoterapeuta. As sessões tiveram duração de 12 doze encontros. Entre os quatros casais foi escolhido o casal número um para descrever o caso.

O casal, Maria de 74 anos e Antônio 76 estavam casados há 42 anos, tem uma filha e residiam em São Paulo. O Sr. Antônio foi diagnosticado com Alzheimer no final de 2016, a pesquisa foi realizada em 2018 então, o paciente já tinha dois anos convivendo com a doença. Sua esposa relata que os primeiros sintomas apresentados pelo seu esposo, foram esquecimentos, desorientação, e por esses motivos foi necessário parar de dirigir, a queixa da Sra. Maria foi que Sr. Antônio desejava sair de casa com muita frequência, atenção dispersa, e realizava as mesmas perguntas com muita frequência.

Durante o primeiro atendimento, cantaram a música “ meu primeiro amor” o casal chorou após cantarem essa música e Antônio recordou do local onde trabalhava, no final do atendimento o musicoterapeuta deixou com o paciente um papel com a letra da canção, e sua esposa relatou que ele guardou com muito carinho a letra da canção, e se emocionava todas às vezes que cantava. No segundo encontro Maria disse que o casal passou a semana cantando as músicas que foram trabalhadas na sessão anterior, nesse sentido o

musicoterapeuta solicitou que o casal resgatasse músicas para serem trabalhadas posteriormente.

Na terceira sessão o casal relatou que quando mais jovens viajavam bastante na época de carnaval, e gostavam de cantar marchinhas de carnaval, as canções cantadas nesse encontro foram carnavalescas.

Quarta sessão, nesse encontro dona maria compartilhou que s.r. Antônio passou a semana cantando, e que conseguiram ir a um show de uma banda nomeada de “Demônios da Garoa”.

Quinta sessão: Durante esse atendimento o casal compôs uma paródia baseada na música “mamãe eu quero” relembrando o período em que viajava na época de carnaval.

Sexta Sessão: Maria disse que seu esposo cantava as músicas todos os dias com ajuda de uma pasta com letras de músicas, e que ele havia recordado de muitas coisas que havia esquecido.

Sétima sessão: Nesse encontro o casal assistiu vídeos de músicas e s.r. Antônio se emocionou ao ver uma cantora que ele admirava. Durante a oitava sessão Maria relatou que Sr. Antônio recordou das letras e músicas, entre elas mencionou “conversa de botequim” o paciente não apenas recordou como, explicava as letras das músicas, nesse atendimento foram trabalhadas músicas que remetiam a infância e adolescência.

Nona sessão: o casal gravou músicas preferidas deles e depois desenvolveram uma canção relembrando a época em que frequentava encontro de casais.

Décima sessão: foi continuação da sessão anterior com composição de músicas

Nona sessão foi cantada a canção criada pelo casal e sr. Antônio se emocionou bastante com a canção criada por eles.

No penúltimo dia de atendimento foi cantada a canção que eles haviam desenvolvidos e Sr. Antônio se emocionou.

Última sessão dona maria relatou que seu esposo estava menos agitado e que trabalhar com as músicas e desenvolver canções permitiram que ele tivesse um entretenimento e assim, ela conseguia realizar suas atividades com mais calma.

Após os atendimentos a Sra. Maria relatou que antes da intervenção musical as saídas com os grupos de amigos eram mínimas, e agora quando ela convida para algum show, todos os amigos se animam, pois, sabe que o Sr. Antônio irá participar, e que para ela esse método de intervenção foi muito eficaz, e que mesmo após ter finalizado os encontros a música acalma o Antônio em dias de muita agitação.

Foi possível observar que a medida que as músicas eram cantadas, evocavam no paciente lembranças e memórias que eram compartilhadas durante a sessão de musicoterapia. Dessa forma, esse momento que foi destinado aos pacientes com DA (Doença de Alzheimer) também atravessou seus parceiros cuidadores, na medida em que abria espaço para eles falarem de si, dos seus sentimentos e conflitos internos, e por muitas vezes eles chegavam a solução dos seus conflitos. A música possibilitou a esse casal a experienciar momentos prazerosos que não vivenciava há muito tempo, proporcionando a recuperação de boas e doces histórias.

3.6 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA INTERVENÇÃO MUSICAL NOS CUIDADOS PALIATIVOS

A atuação do psicólogo no ambiente hospitalar é dinâmica e repleta de desafios, esse profissional não era até então um elemento que estava previsto dentro desse meio, onde o foco maior é os médicos, seguindo seu modelo biomédico. Porém, a psicologia vem ganhando cada vez mais espaço e sua participação nesse ambiente se difere bastante do modelo clínico, pois, no campo hospitalar a atuação desse profissional é delimitada e limitada pelas regras institucionais (SILVA, 2012).

O autor supracitado afirma ainda que o profissional de psicologia se depara com regras, rotinas, e uma dinâmica que se difere todos os dias. Vai muito além do atendimento tradicional na clínica com uma sala, ar condicionado, e uma poltrona confortável, no hospital o profissional não tem essa mesma privacidade, o atendimento acontece ali no leito aonde muitas vezes chega a ser interrompido pelos demais profissionais, e precisa saber lidar com aquela situação que se torna delicada (SILVA, 2012).

Desse modo o psicólogo nos cuidados paliativos não trabalha sozinho, existe uma equipe de profissionais que utiliza todos os recursos diagnósticos para compreender o quadro clínico daquele paciente e utilizar o manejo da melhor forma possível, pois a melhora na qualidade de vida daquele sujeito contribui de forma positiva para o enfrentamento do adoecer, lhe motivando na adesão do tratamento e diminuição de seus medos e angústias (FERREIRA, 2011).

Antes de iniciar o trabalho com a música é importante que o psicólogo conheça os gostos musicais do paciente e como se dá a relação entre eles, esse processo de conhecimento musical ocorre por meio de uma Anamnese sonora musical. A entrevista pode ocorrer com

o próprio paciente dependendo do seu estado clínico, ou com seus familiares, dessa forma, o psicólogo irá conhecer as canções prediletas do sujeito, bem como o gênero musical que ele mais se identifica e a partir dessas informações colhidas montar o plano de intervenção psicológica, trata-se de uma programação que servirá de base para os atendimentos futuros como, por exemplo a escolha das músicas baseada no gosto musical do paciente, a possibilidade de criar canções, paródias, cantar com o paciente, ou somente ouvir as canções. Ressalto que o atendimento psicológico é completamente mutável e o plano de intervenção é apenas um norte que o psicólogo terá para organizar os atendimentos (CARIBE, 2012).

Para que ocorra um vínculo fortalecido entre terapeuta e paciente é importante destacar que o profissional seja empático e acolhedor, e veja no outro um ser que naquele momento está fragilizado e necessitando de cuidados. Como afirma Jung (2013) não se trata de um método simples, é um processo dialético que ocorre entre duas pessoas, até então estranhas uma para outra. O profissional da psicologia pode utilizar a técnica da música como método de intervenção em diferentes locais como, no ambiente hospitalar, e na residência do paciente, seja ele em estado terminal ou portador de uma doença crônica, o que mais importa no contexto é oferecer uma melhor qualidade de vida ao sujeito, como afirma Jung o encontro entre duas pessoas é como a mistura de duas substâncias químicas, quando ocorre uma reação, há uma transformação entre ambas as partes (PORFIRIO, 2018).

Bilotta e Amorim (2012) apresenta em seus estudos que a intervenção psicológica busca ter uma compreensão holística do sujeito levando em consideração sua história de vida e a relação que estabelece no presente com seu adoecimento. A intervenção musical possibilita que o sujeito durante o atendimento expresse seus sentimentos, seja ele de alegria, medo ou tristeza. O paciente, dependendo do seu estado pode expressar essas emoções através do cantar, criação de uma canção, ou até mesmo por meio do silêncio, é relevante que o profissional esteja atento ao que ocorre no corpo do paciente durante o processo de intervenção.

Após a realização da intervenção musical abre-se um espaço de diálogo, e reflexões sobre as canções que foram ouvidas ou cantadas durante o atendimento, esse momento proporciona que o paciente exponha análise que fizera daquele momento vivenciado, sendo assim, o paciente pode verbalizar o quão significativo foi para ele aquela sessão e permite que o sujeito entre em contato com sua experiência, e compartilhe seus sentimentos. Carneiro complementa que:

A música faz parte da constituição humana, portanto se comunica muito rapidamente com as nossas emoções, com o nosso intelecto, com as nossas tensões e com o nosso corpo como um todo, desencadeando uma série de experiências (MACIEL; CARNEIRO, p.15 2012).

Por meio dessas experiências que a música proporciona o paciente pode compartilhar com o psicólogo as emoções que emergiram durante a intervenção musical, pois, entende-se que o falar no processo terapêutico é libertador e pode trazer inúmeros benefícios. A música quando trabalhada em paciente com D.A. (Doença de Alzheimer) ativa o hipocampo, todas às vezes que o paciente é colocado diante de uma canção familiar, fazendo emergir diversas memórias, aquelas que foram perdidas durante o avanço da doença (SANTOS, 2015).

No que diz respeito a atuação do psicólogo na intervenção musical nos cuidados paliativos, este ainda se depara com alguns desafios a serem enfrentados, um deles é o desconhecimento da música como um processo de intervenção significativa aos pacientes que se encontra em cuidados paliativos, durante as pesquisas por procura de artigos que relacionasse essas duas interfaces, foi possível perceber que parte significativa dos artigos estavam relacionados a estudos realizados por outros profissionais da saúde, não psicólogos, como médicos, enfermeiros, etc. (NAGAISHI, 2017).

A análise dessa pesquisa indica que poucos profissionais da psicologia utilizam a música como um processo de intervenção, e quando há utilização é apenas por meio instrumental, sem o uso de letras, em contrapartida não pode generalizar que outros profissionais não trabalhem com músicas na sua atuação, porém, como não há publicação desses constructos se torna cada vez mais escassos os conhecimentos desse método o que inviabiliza outras pesquisas relevantes sobre a temática em questão.

Ressalta-se que existe hoje no Brasil, profissionais que trabalhe de forma específica com a música os chamados músico terapeutas, para isso é necessária uma especialidade na área. Portanto, para que o profissional da psicologia exerça algo voltado especificamente para a música é relevante que faça estudos aprofundados desse método de intervenção, pois como bem diz o código de ética do psicólogo não se deve exercer nenhuma atividade que não se tenha conhecimento e domínio.

Visto que a psicologia é considerada uma ciência recente que está ganhando seu espaço de maneira gradativa, ainda com um ramo fértil para ser explorado com pesquisas e práticas. Mesmo com tantos desafios, este profissional consegue através da música trazer mais humanização no processo de adoecimento do sujeito, na medida em que a intervenção

musical pode trazer aos pacientes sentimentos de tranquilidade, paz e harmonia (PORFÍRIO, 2018).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados percebe-se o quanto a música traz benefícios a pacientes com doença degenerativa como, o Alzheimer, bem como apresenta os benefícios que esse método de intervenção possui, embora, como apresentado o Alzheimer é uma doença que não tem possibilidade de um tratamento terapêutico, sendo sua causa irreversível, por tanto o objetivo da música é proporcionar ao paciente uma melhora na qualidade de vida, tornando seus dias mais leves e prazerosos através da ressignificação da dor e sofrimento.

Foi percebido ao longo desse trabalho que as discussões sobre musicoterapia atrelada aos cuidados paliativos se mostram escassas necessitando de mais contribuições acadêmicas, e pesquisas que explore essa temática, pois é algo relevante para o meio social, mas, que ainda não é explorado, a profissão de músico terapeuta é algo novo no Brasil e se faz grupos pequenos desses profissionais comparados aos da área de saúde. Por se configurar como algo relativamente novo é difícil localizar produções bibliográficas que fale sobre o tema, por tanto é relevante que a sociedade conheça o trabalho desses profissionais que tem um papel importante nos cuidados paliativos, a publicação de artigos que abordem esse tema fara com que essa profissão seja cada vez mais reconhecida contribuindo assim para ampliação de possibilidade no mercado de trabalho.

Esse construto ressalta a importância da música atrelada aos cuidados paliativos, e os efeitos que esta causa aos pacientes, e como se faz importante a interface psicologia e musicoterapia como método de intervenção. Pois, são duas profissões que caminham lado a lado com o objetivo de proporcionar aos sujeitos que se encontra em cuidados paliativos uma melhora na sua qualidade de vida, tornando seus dias mais prazerosos. A psicologia com o intuito de acolher as demandas, validar os sentimentos desses pacientes, e corrobora para o bem-estar destes, utilizando a música como instrumento que faça sentido na vida daqueles que escutam.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, PAULA S.; COTTA, M. M. Psicologia e musicoterapia no tratamento de idosos com demência de Alzheimer. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 3, 2017. Disponível em: <http://jornalold.faculadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/284/148>. Acesso em 13 Abr. 2021.
- BARCELLOS, L R. M. Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas! **Revista Música Hodie**, v. 15, n. 2. 2016.
- BAIRD A, SAMSON S. Música e demência. Rev. **Natynal Library of Medicine**. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25725917/>. Acesso em 12 Abr. 2021.
- BILOTTA, F. A.; AMORIM, S. A psicologia Junguiana entra no hospital: diálogos entre corpo e psique. **São Paulo: Vetor**, 2012. Disponível em < [Bilotta: A psicologia Junguiana entra no hospital:...](#) - Google Acadêmico> acesso em 12 Mai 2021.
- CARNEIRO, Celeste; MACIEL, Carla. **Diálogos Criativos entre a Arte terapia e a Psicologia Junguiana**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012. Disponível em < [julho 15 - VOCÊ SABE O QUE É ARTETERAPIA 2.pdf](#) (artezen.org)> acesso em 12 Mai 2021
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Pearson, 2005
- DE LIMA, C. L.; JESUS CARVALHO, M.; SILVA, E. R.. Musicoterapia para pacientes oncológicos e/ou em cuidados paliativos: revisão integrativa da literatura. **Revista Científica de Enfermagem-RECIEN**. 2019.
- FERREIRA, A. P. Q.; LOPES, L. Q. F.; MELO, M. C. B. O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer. **Revista da SBPH**. 2011.
- FERREIRA, P. D.; MENDES, T. N.. Família em UTI: Importância do suporte psicológico diante da iminência de morte. **Revista da SBPH**, v. 16, n. 1, p. 88-112, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext HYPERLINK "https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext."
- FREITAS, M.R, ET.AL Estudo de caso: musicoterapia nos cuidados paliativos prolongados em assistência domiciliar **Revista Brasileira de Revisão em Saúde**. Curitiba, v. 2, n. 4, p. 3244-3250 jul./aug. 2019. ISSN 2595-6825 3244 Disponível em <<file:///C:/Users/karic/Downloads/2191-6272-1-PB.pdf>>. Acesso em 16 Mar. 2021.
- GALLAGHER, L. M. (2011). **O Papel da Musicoterapia na Medicina Paliativa e Cuidados de Suporte**. **Seminários em Oncologia**. doi:10.1053. 2011.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Ana Luisa Zaniboni; OTHERO, Marília Bense. **Cuidados paliativos. Estudos avançados**. 2016. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Cuidados+paliativos++medicina&btnG=. Acesso em 24 set 2020.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni; OTHERO, Marília Bense. Cuidados paliativos. **Estudos avançados**, v. 30, n. 88, p. 155-166, 2016. Disponível em: <https://paliativo.org.br/cuidados-paliativos/cuidados-paliativos-no-brasil/>

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Editora Vozes Limitada, 2011 Disponível em < [A Prática da psicoterapia - Carl Gustav Jung - Google Livros](#)> Acesso em 15 Mai 2021.

JUNIOR, M.P.A. **Musicoterapia e doença de Alzheimer: um estudo com cônjuges cuidadores**. USP - São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100141/tde-26062019-205908/pt-br.php>. Acesso em 12 Abr. 2021.

MAURIZ P. WIRTZBIKI P. M. CAMPOS U. W. **Protocolo Cuidados Paliativos**. 2014. Disponível em: https://www.isgh.org.br/intranet/images/Servicos/Protocolos/isgh_protoco_cuidado_paliativo.pdf. Acesso 18 mar. 2021.

NAGAISHI, Karen Yuriko; CIPULLO, Marcos Alberto Taddeo. **Canção como recurso de trabalho para psicólogos: um levantamento de artigos publicados**. Boletim de psicologia, v. 67, n. 146, p. 67-82, 2017. Disponível em <[Canção como recurso de trabalho para psicólogos: um levantamento de artigos publicados \(bvsalud.org\)](#)> acesso em 12 Mai. 2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Programas nacionais de controle do câncer: políticas e diretrizes gerenciais**. 2.ed. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/gestao_da_qualidade.pdf. Acesso em 23 Mar 2021.

PACHECO, Valeria. **Musicoterapia no enfrentamento do Alzheimer, 2021** Disponível em: <https://anpprev.org.br/anp/noticia/musicoterapia-no-enfrentamento-do-alzheimer>. Acesso em 13 Abr. 2021

PASSOS, Heloisa et al. A música como agente terapêutico no tratamento da Doença de Alzheimer. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em :[file:///C:/Users/Administrador/Downloads/29081-Texto%20do%20artigo-134625-2-10-20210218%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Administrador/Downloads/29081-Texto%20do%20artigo-134625-2-10-20210218%20(2).pdf). Acesso em 12 Abr. 2021.

PETERSEN, Elisabeth. Buscando novos sentidos à vida: musicoterapia em cuidados paliativos. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/8944>. Acesso em 17 Abri 2021.

SANTOS, Laíse Silva; PARRA, Regina Calda; Música e neurociências inter-relações entre música, emoção, cognição e aprendizagem. **Revista Psicologia.PT** 2015. Disponível em < [A0853.pdf \(psicologia.pt\)](#)> acesso em 12 Mai 2021.

SÄRKÄMÖ T, TERVANIEMI M, LAITINEN S, NUMMINEN A, KURKI M,

JOHNSON JK, RANTANEN P. **Benefícios cognitivos, emocionais e sociais de atividades musicais regulares na demência inicial: estudo controlado randomizado.** *Gerontologista*. 2014.

SEKI, N. H.; GALHEIGO, S. M. O uso da música nos cuidados paliativos: humanizando o cuidado e facilitando o adeus. **Interface Comum Saúde Educ.** 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000200004&script=sci_arttext> acesso em 22 set 2020.

SILVA, D. P.. Psicologia Hospitalar. **Psicologia. Pt.** 2012 Disponível em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0705.pdf>. Acesso em 29 Out. 2020.

SILVA, Ceci Figueiredo da et al. Concepções da equipe multiprofissional sobre a implementação dos cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, p. 2597-2604, 2013. Disponível em < [Concepções da equipe multiprofissional sobre a... - Google Acadêmico](#)> acesso em 10 Jun. 2021.

SILVA, V. A.; LEÃO, E. R.; SILVA, M. J. P. Avaliação da qualidade de evidências científicas sobre intervenções musicais na assistência a pacientes com câncer. **Interface Botucatu.** 2014. Disponível em <[Avaliação da qualidade de evidências científicas... - Google Acadêmico](#)> acesso em 15 Mai 2021.

UBAM União Brasileira de Associações da Musicoterapia. **Musicoterapia no Brasil.** Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/musicoterapia-no-brasil/>. Acesso em 22 set 2020.